

O VALOR SOCIAL DAS PROFISSÕES E O RECONHECIMENTO COMO FATOR DE INFLUÊNCIA SOBRE A SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR

*Aryanne Pereira de Freitas¹
Caique Vinícius Fernandes Soares²
Vanessa Pacheco Vieira³*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o significado do trabalho de forma histórica, focando no valor social atribuído às profissões e ressaltando a importância do reconhecimento para saúde mental dos trabalhadores. Trazer à tona a relevância que esse fator tem para o sujeito e como pode afetar de forma significativa a vida biopsicossocial das pessoas. Para isso se faz um levantamento do processo histórico do significado do trabalho, o valor social atribuído às profissões e a importância do reconhecimento para os trabalhadores, considerando aspectos culturais, políticos, econômicos e subjetivos referente ao valor dado às profissões.

Palavras-chave: Saúde Mental. Valor Social das Profissões. Reconhecimento.

ABSTRACT

This article aims to talk about the meaning of work in a historical way, focusing on the social value attributed to the professions and highlighting the importance of recognition for workers' mental health. To bring to the fore the relevance that this factor has for the subject and how it can significantly affect the biopsychosocial life of the people. For this, a survey of the historical process of the meaning of work, the social value attributed to the professions and the importance of the recognition for the workers, considering cultural, political, economic and subjective aspects regarding the value given to the professions is made.

Keywords: Mental Health. Social Value Of Professions. Recognition.

INTRODUÇÃO

Para entender como o conceito de trabalho se constrói, é necessário resgatar o seu desenvolvimento ao longo da história, compreendendo as relações de poder, o sentido e o significado do trabalho, chegando a um conceito sólido e ao mesmo tempo diverso. Compreender como os aspectos do trabalho influenciam na vida do trabalhador é tão importante quanto entender a sua história e como ela repercute na saúde mental dos indivíduos ao longo do tempo.

Segundo Marx (1996, p. 297), o conceito de trabalho se apresenta como a relação Homem-natureza, em que suas ações têm impacto direto no meio, transformando-o e sendo transformado ao mesmo tempo, como uma relação dialética, de troca. Isso se estende também para a relação com o outro.

¹ Mestra em Psicologia e Docente do Ensino Superior no Centro Universitário São Lucas em Porto Velho, Rondônia. E-mail: aryannefrei@gmail.com.

² Discente do 10º Período de Psicologia no Centro Universitário São Lucas em Porto Velho, Rondônia. E-mail: vinifernandessoares@gmail.com

³ Discente do 9º período de Psicologia no Centro Universitário São Lucas em Porto Velho, Rondônia. E-mail: vanessapachecoo@hotmail.com.

Desta forma, o autor destaca que o trabalho tem importante papel ao humanizar e construir o Homem como ser social e capaz de produzir, modificar e regular seu meio e o outro.

Sendo assim, ao compreendermos o processo histórico, entendemos o panorama presente do mercado de trabalho em nossa sociedade. Suas divisões, regulamentações e principalmente o valor social dado às profissões e como isso influencia na saúde mental desses trabalhadores.

Ao olharmos para o panorama atual, temos as profissões formais que são regulamentadas pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e as consideradas informais, não regulamentadas. Essas profissões formais, regulamentadas, devem seguir uma série de leis, normas e regulamentações, tais como remuneração mínima, local e condições de trabalho adequadas; indenizações por rescisões trabalhistas, dentre outras questões; diferentemente dos trabalhos informais.

É pertinente pensar que tanto os indivíduos que desenvolvem um trabalho formal e informal podem construir valores e representações sobre o trabalho, e o modo como estes compreenderão, influenciará no significado produzido pelo trabalho, construindo a visibilidade social, isto é, o trabalho colabora para que o indivíduo seja visto socialmente.

Assim, o trabalho agrega signos à identidade do indivíduo, podendo levá-lo à construção de um sentimento de pertencimento ao grupo e vínculos identitários promovendo uma relação de troca, como já mencionado. Essa identificação é resultado direto dos fatores psicossociais do trabalho.

Segundo Fisher (2012), os fatores psicossociais relacionam-se às interações do Homem e seu meio-ambiente, permeada pelas próprias condições de trabalho.

Condições essas que perpassam a remuneração, jornadas de trabalho, condições físicas do ambiente, funções, que tendem a influenciar diretamente na percepção identitária sobre o trabalho e na saúde do trabalhador.

Dentre os fatores psicossociais relacionados ao trabalho estão as interações no ambiente de trabalho, ao conteúdo do trabalho, as condições organizacionais e as capacidades, necessidades, cultura, condições pessoais externas ao trabalho, que podem, por meio das percepções e experiências, influenciar a saúde, o desempenho e a satisfação do trabalhador.

DESENVOLVIMENTO

1. PROCESSO HISTÓRICO DO SIGNIFICADO DO TRABALHO

O trabalho é tão antigo quanto o próprio homem e é atribuído a ele valores representativos diferentes no decorrer da história. Uma das primeiras formas de trabalho seria o modelo primitivo onde o homem se apropriava de objetos como pedra, osso, madeira, entre outros para servirem como ferramentas facilitadoras de atividades exercidas para a sobrevivência do grupo. Nesse período as relações de trabalho eram igualitárias, todos executavam suas atividades em prol da comunidade.

Com o passar do tempo e com o crescimento das comunidades, se faz presente a dominação entre grupos, onde quem detém maior capital, tende a dominar e explorar quem tem menos (LIMA, 2015).

A partir desse fenômeno, temos o chamado trabalho de subsistência, ou seja, uma atividade voltada exclusivamente para a manutenção da vida e não com o objetivo econômico.

Para se compreender melhor esse fenômeno é importante saber como se deu o trabalho desde as suas primeiras formas até os dias atuais.

Numerosas situações examinadas com referência à dominação em suas ligações com desgaste mental expressam aspectos das relações sociais de produção, que também sofrem transformações históricas, da escravidão aos nossos dias (SELIGMANN-SILVA, p. 162. 2011).

Com a queda do Império Romano, outro sistema que se apresentou como forma de trabalho foi o feudalismo, onde o clero representado pela elite e intelectuais da época exerciam dominação sobre os trabalhadores braçais, responsáveis pela força de trabalho. Os trabalhadores desse período trocavam sua mão de obra por proteção militar e pequenos pedaços de terra de onde tiravam seu sustento.

No fim da idade média a nova forma de trabalho que surge é o capitalismo, marcado por constantes mudanças. Esse período pode ser dividido em duas fases: a primeira caracterizada pelas caravanas e a expansão marítima e a segunda pelo avanço das indústrias e a tecnologia. Em relação ao capitalismo,

sistema vigente até os dias atuais, mas que passou por diversas modificações, como as próprias relações, os valores dados às profissões e o significado do trabalho para o homem.

Assim, o progresso tecnológico permitiu aumentar fantasticamente a produtividade e, em tese, deveria também diminuir acidentes e adoecimentos determinado pelo trabalho. Por outro lado, as chamadas tecnologias de ponta foram muitas vezes consideradas responsáveis pelo acúmulo de prejuízos que atingem a classe trabalhadora – tanto no que diz respeito ao estreitamento do mercado de trabalho quanto em termos de intensificação do trabalho e, ainda, de danos de diferente tipo ao organismo (SELIGMANN-SILVA, p. 165. 2011).

Além do capitalismo, ainda existe em poucos lugares do mundo o sistema socialista e comunista que dão significados diferentes relacionados ao trabalho. É importante, cada vez mais, entender o significado que o trabalho tem para o homem e averiguar todas as nuances da dinâmica que as relações dentro e fora das organizações representam para saúde mental e qualidade de vida dos trabalhadores.

2. O VALOR SOCIAL ATRIBUÍDO ÀS PROFISSÕES

A forma como as profissões são representadas pode influenciar na maneira como os profissionais serão vistos e valorizados dentro do contexto social, pois essas profissões estão relacionadas a status e atribuições de reconhecimento e importância para a sociedade, levando pessoas a se submeterem a relações abusivas ou a trabalhos insatisfatórios, apenas para manter-se em profissões com maior reconhecimento. Considerar as diferenças desses status conferidos a ela é de grande relevância para se ter uma maior compreensão de como os trabalhadores que realizam atividades menos valorizadas ou ainda as que são cercadas por preconceitos e estigmas e se percebem enquanto profissionais.

Há pessoas que priorizam se relacionar com outras de status superior ao seu, “visando” ganhos secundários, como a

elevação, ainda que ilusória, do próprio nível social, relações de influências, entre outras. Participar de uma equipe de trabalho cujo gestor é de difícil trato, mas que resulta em um esforço para o currículo do colaborador (no caso de se tratar de uma referência), pode valer o sacrifício (REGATO, p. 73, 2016).

Pessoas que atuam em profissões de maior status social tem uma maior facilidade de lidar com as pressões sofridas no ambiente de trabalho, pois além de ter um maior reconhecimento pela atividade exercida também tem uma maior facilidade em quebrar as regras ou resistir as normas impostas e que entram em conflito com aquilo que é de caráter pessoal desses profissionais. Este tipo de fator relacionado à resistência, dificilmente se dá nas profissões com menor status, pois os trabalhadores inseridos nelas tendem a ser descartados ou substituídos, além de estarem geralmente fragilizados e frustrados por exercerem atividades de pouco reconhecimento social.

Os indivíduos com maior status costumam ter mais liberdade para se desviar das normas do que os demais. Essas pessoas também demonstram mais resistência as pressões para a conformidade do que seus colegas com status menores. Quem tem um emprego de alto status (como médicos, advogados ou executivos) apresentam reações particularmente negativas a pressão social exercida por pessoas cujo emprego possuem baixo status. Por exemplo, os médicos resistem ativamente as decisões tomadas por funcionários de escalão mais baixo. (ROBBINS, SOBRAL, JUDGE, p. 276, 2010)

Cada cultura, seja de âmbito nacional ou não, produz um significado ao trabalho e as profissões, atribuindo sobre cada uma um valor social e moral. Para considerar e entender o valor dado as profissões, é preciso compreender aspectos culturais, econômicos, políticos, ambientais e os recursos disponíveis (mão de obra qualificada ou não, recursos naturais, financeiros, entre outros), para assim entender o significado e o status que é dado às profissões existente nesses contextos.

Possibilitando a promoção de desejos e fantasias, proporcionar espaço de prazer e de sofrimento, realizando expectativas ou levando ao adoecimento, o trabalho se constitui em uma importante fonte de análise para a Psicologia bem como para as outras ciências que pretendem discutir a saúde dos trabalhadores.

Um dos ângulos fundamentais do trabalho, dada a sua condição social, é a questão política. As atividades laborais são tomadas por ideologias produzidas

no contexto social e que acabam sendo interiorizadas pelos sujeitos. Este é um ponto essencial para essa análise.

Dentro dos modelos existentes de trabalho no Brasil, os que mais se destacam são os Formais (aqueles regulamentados na CLT) e os Informais (aqueles que não possuem regulamentação na CLT, esses tipos de trabalho possuem maior flexibilidade). Independentemente de serem informal ou formal, esses modelos possuem alguns tipos que se destacam: autônomo, voluntário, freelancer, assalariado, empresário, profissionais liberais e trabalho forçado.

Os modelos de trabalhos são bem variados, e cada organização tem um modelo diferente, uma forma particular de arquitetar as dinâmicas de trabalhos. A questão vigente é: como as diferenças de trabalhos influenciam na saúde mental dos trabalhadores? Pensar nisso e pensar como as profissões desvalorizadas ou sem reconhecimento pela CLT, e pela sociedade repercutem na vida biopsicossocial dos sujeitos.

3. A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO PARA OS TRABALHADORES

O reconhecimento no trabalho se relaciona à demanda de saúde mental dos trabalhadores apresentando controvérsias consideráveis no campo da psicologia do trabalho. Lima (2004) afirma que a perspectiva dejouriana apresenta-se de forma simplista, ao “preconizar as estruturas prévias de personalidade como os únicos elementos” (p. 155) que seriam os responsáveis pelo adoecimento mental. A autora enfatiza que Dejours toma a “personalidade como resultado de uma estrutura forjada na infância (ou bem antes da entrada do indivíduo na produção, para ficarmos nos seus próprios termos) e aparentemente impermeável às experiências posteriores” (Lima, 2004, p. 156). Afirmando, ainda, que a tese de Dejours sobre o adoecimento mental “é incapaz também de explicar certos distúrbios desencadeados no contexto de trabalho, cujos sintomas não podem ser compreendidos a partir do histórico anterior do indivíduo” (Lima, 2004, p. 156).

Atrelado aos significados sociais e o grau de importância que é dado às profissões ou às atividades realizadas como forma de suprir a necessidades de

sobrevivência, está o prazer ou sofrimento atrelada a elas. Isto está relacionado ao nível de exigência do cargo e discriminação sofrida pelo trabalhador no exercício de suas atribuições. O valor e reconhecimento que tem um médico não são os mesmos que tem um auxiliar de limpeza ou um auxiliar de serviços gerais.

É notória a manifestação do trabalho como integra a subjetividade humana visto que ao mesmo tempo que o homem coloca seu estilo na atividade exercida, também é transpassado pelas características que o trabalho desenvolve nele. Entretanto, Dejours (1998) pontua que as relações de trabalho, frequentemente anulam a subjetividade do trabalhador, fazendo do homem escravo do seu trabalho.

Quando o homem percebe que suas expectativas iniciais diferem da realidade do ambiente de trabalho, o sofrimento humano nas organizações pode ser desencadeado.

Considerando o contexto brasileiro, existem muitas profissões que são fortemente discriminadas e desvalorizadas. Exemplos são: coveiro, faxineiro, gari, leiteiro, profissões autônomas (catador de materiais recicláveis, ambulante, artista de rua, garota (o) de programa, entre outros), são algumas das profissões que sofrem com estigma, e tem uma maior tendência a levar os trabalhadores a adoecerem psicologicamente e biologicamente.

Do ponto de vista psicossocial, uma série de tarefas e ocupação pode apresentar significados que levem a uma discriminação e desvalorização de seus executantes, em decorrência, por exemplo, da natureza e do conteúdo de atividades em que há contatos com desejos (trabalho em esgoto e depósito de lixo) ou cadáveres (coveiros). A forma como chefes imediatos geralmente manifesta rispidez e menosprezo no trato com esse tipo de assalariado contribui para agravar a situação. A desvalorização frequentemente é introjetada (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 221).

Os trabalhos que são socialmente desvalorizados tendem a trazer diversas consequências para os trabalhadores, pois muitos desses sujeitos sente-se impotentes e fracassados enquanto pessoas e entram em processo de desconstrução de identidade, se acidentam mais, sofrem de depressão, e são mais vulneráveis a crises patológicas e ao suicídio.

Processo esse que apresentam-se como adoecimento no trabalho é antigo e tem acompanhado o desenvolvimento de uma lógica capitalista. No

panorama mundial contemporâneo, novas patologias são produzidas pelas novas formas de produção e são corpopiliadas pelas pessoas.

A falta de reconhecimento e o preconceito sofrido dos outros e da própria empresa afeta as relações sociais, familiares, pessoal e a saúde física e psíquica dos trabalhadores, também podendo influenciar na forma como esse trabalhador constrói o significado desse trabalho. Muitos desses sujeitos acreditam que não tem valor algum enquanto pessoa, pois estão acostumados a serem tratados como ferramentas que são facilmente descartadas e substituídas.

Segundo Faiman:

O reconhecimento conferido por outros e pela comunidade é fundamental para a construção do sentido do trabalho. É por meio do reconhecimento que o sofrimento envolvido na superação das dificuldades passa a ter significado, e pode, inclusive, atrelar-se ao prazer, na medida em que a engenhosidade empenhada na solução de problemas tenha frutificado em algo válido como uma contribuição (FAIMAN, p. 54-55, 2012).

Segundo Seligmann-Silva (2011), pessoas que são alvos de discriminação trabalham muitas vezes na informalidade e são submetidas a exigências de desempenho excessivo, em condições precárias e agressiva à saúde. São pessoas que passam a serem explorados através do assédio, fatores que desmoralizam e tornam o trabalhador vulnerável para aqueles que detém o capital.

Pessoas de baixa escolaridade, negros, mulheres, estrangeiros, indígenas e os mais pobres, são os mais vulneráveis socialmente e mais sujeitos a atuar em cargos e áreas de menor complexidade e remuneração, reforçando a desigualdade socioeconômica.

Nas últimas décadas do século XX, o capitalismo tem gerando importantes transformações no mundo do trabalho: cada vez mais os trabalhadores estão sendo expostos a condições precárias. Isso se relaciona com os regimes governamentais e com o controle das massas através da repressão.

Apointar profissões com alta relevância social não significa necessariamente excluir o sofrimento mental ou o adoecimento, contudo, a pressão sofrida é bem menor e o reconhecimento e status geram uma maior

resistência para lidar com fatores estressores. É claro que o fato dessas profissões serem ocupada por pessoas com um grau de conhecimento científico, e poder aquisitivo maior gera mais propensão a ter mecanismos de defesas mais sólidas, além de ter uma maior capacidade de responder de forma adaptativa. Além da possibilidade de acesso maior à saúde de qualidade, lazer e outros meios para lidar com o sofrimento e adoecimento gerado pelas exigências do trabalho.

Outro fator que afeta os profissionais que ocupam profissões de maior complexidade e prestígio social, é o medo de perder essas posições alcançadas. Percebe-se que a grande maioria das pessoas escolhe as profissões não porque tenham vocação ou paixão por elas, mais sim por questões salariais e reconhecimento social. Esse tipo de fator pode levar as pessoas a se manterem em ambiente que tragam sofrimento e desgaste para o corpo e para mente.

Segundo Albrecht:

Existe um grupo de fatores estressantes que pode afetar a qualidade de vida profissional, e um dele são os fatores emocionais, tais como: prazos, risco percebido de lesão física, risco financeiro, medo de perder status ou autoestima, expectativas de fracasso e expectativas de desaprovação de outras pessoas (ALBRECHT, apud MALAGRIS, p. 22, 2000).

Quando se fala no reconhecimento e no valor que o trabalho tem para o sujeito, seja no âmbito da organização, entre os pares e os superiores, seja no âmbito social é possível perceber porque os trabalhadores muitas vezes se mantêm em ambientes que adoecem, mesmo tendo capacidade profissional de mudar de ambiente. Existem também aqueles que não têm condições ou não tem oportunidade de mudança, e se mantêm dentro das atividades que estão disponíveis.

Geralmente esses indivíduos são os que mais sofrem, pois a grande maioria executa atribuições que são discriminadas socialmente. Considerando que o trabalho tem um valor para os sujeitos, seja ele um valor que minimiza, que adoce, seja ele um valor que traz prestígio ou bem-estar, pensar nisso é procurar enxergar como o trabalhador se sente e visto na profissão que exerce.

Campos sustenta que:

Pelo ambiente organizacional e social em que os trabalhadores se encontram, não é raro observar nos ambientes de trabalho pessoas emocionalmente abalada. Aumenta cada vez os casos de alcoolismo, consumo de drogas ilícitas e até mesmo de medicamentos associados a outras substâncias, sem falar nos casos de depressão e suicídio (CAMPOS, p. 144, 2016).

De como aponta o tópico supracitado, o ambiente de trabalho não é o único lugar que adoce o trabalhador, pois o social também adoce, e eles estão interligados; inclusive o tipo de profissão e as características e traços de personalidade de cada indivíduo. No âmbito social está voltada para a valorização que é dada a sua profissão, ao seu trabalho; quando isso não ocorre, o sujeito passa a sentir angústia, se desconstrói enquanto pessoa, despersonalizando-se, sofrendo psicologicamente por ser visto como alguém sem valor social.

Pessoas que sofrem preconceito social relacionado às suas atividades, tendem a ocultar o que fazem e se sentem impotentes, fracassados, e geralmente se excluem ou são excluídos socialmente. Conforme aponta Silvia, Deusdedit-Júnior e Batista (2015, pg. 417) “quando as condições geradoras de sofrimento podem ser transformadas, os trabalhadores buscam forma de enfrentá-las”. Contudo nem sempre o trabalhador pode modificar essas condições, e acabam por assim dizer, buscando meios que agravam ou é nociva a saúde dessas pessoas, e como citado anteriormente, alguns chegam ao suicídio, para se livrar do sofrimento causado por tais consequências. De acordo com Shimabuku, Mendonça e Fidelis (2017):

Pode-se perceber que trabalhadores que ocupam cargos de trabalho onde as exigências físicas, cognitivas ou sociais são altas tendem a ignorar sintomas de adoecimento físico ou psicológico e não se ausentar quando do advento de um problema de saúde, pelo senso de responsabilização profissional. Justamente por esse senso é que tendem a se submeter a altas demandas de trabalho, com ou sem controle ou apoio social, por períodos prolongados (SHIMABUKU, MENDONCA e FIDELIS, p. 75, 2017).

Os motivos que levam os trabalhadores a suportar as pressões exercidas pelo trabalho dentro das organizações são diversos. Quando essas pressões também ocorrem fora, na vida social, as consequências são ainda maiores.

Alguns dos fatores que levam a discriminação de algumas profissões está intimamente relacionada a desigualdade sociais, questões ideológicas e

políticas, e tais aspectos são fortemente reforçado pelo capitalismo, que se apropria dessas fragilidades sociais para poder tirar vantagem dos trabalhadores, mesmo que estes adoçam, pois para esse sistema, esses sujeitos são peças de uma máquina que podem facilmente ser substituídos.

Outro ponto que merece atenção é tentar compreender por que alguns trabalhadores mesmo sendo reconhecidos não se sentem satisfeitos ou realizados e acabam, por assim dizer, adoecendo. Os fatores que levam a esses adoecimentos não estão relacionados com o fato de serem reconhecidos, mas sim, com o significado atribuído por esse sujeito.

Denominamos esta situação de “paradoxo do reconhecimento”. Para a psicodinâmica, “o reconhecimento só tem valor se ele for congruente com o significado do trabalho e as modalidades de seu reconhecimento pelo sujeito, em ressonância com sua história singular” (MOLINIER, 2012 apud BENDASSOLLI, p. 45, 2012).

Considerar os fatores que levam ao adoecimento ou não de um sujeito é preciso considerar diversos fatores tanto interno quanto externo, pois as pessoas se constroem ao longo de sua vida, isto é, estão sempre se modificando. É através dessa modificação que se constrói o mundo subjetivo e toda dinâmica que envolve suas relações cotidianas. Pensar no indivíduo é considerar várias possibilidades para entender as diferenças relacionadas ao enfretamento das pressões exercidas no ambiente em que está inserido e o que leva outros a serem mais suscetíveis ao adoecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que independente de qual trabalho o indivíduo exerça, ele poderá gerar signos a cerca desse trabalho, gerando prazer ou sofrimento diante de questões deste. Todavia, é imprescindível compreender como o indivíduo significa o trabalho, a interação com o ambiente, a importância individual e o reconhecimento da função designada, para que assim, haja promoção de saúde, significado na ocupação exercida, permeada pela produção de estratégias assertivas para a resolução de conflitos em situações abusivas.

É de suma importância que este trabalho permita e assegure um ambiente favorável de apoio, reconhecimento e empatia, para que além da preocupação de produtividade a saúde mental esteja acima de qualquer outra perspectiva.

O que se nota é que fatores relacionado a desigualdade social como: economia, cultura, política, mão de obra escassa ou em abundância, educação, saúde, segurança, dentre outros, influenciarão diretamente ou indiretamente as questões de reconhecimento ou não reconhecimento que é dado as mais distintas profissões, e também afetará como esse trabalhador se ver enquanto sujeito de ação na sociedade.

Uma pessoa não se expõe somente às contingências do trabalho, também é preciso pensar no trabalhador em outros contextos sociais, pois fatores como família, amigos, prestígio, qualidade de vida, influenciam para se ter uma boa saúde psíquica.

Apesar do fator reconhecimento não ser garantia de saúde mental, pois cada indivíduo tem sua dinâmica psíquica particular de elaborar estratégias de enfrentamento e significar o trabalho. Não se descarta e nem se minimiza a grande importância que é ter seu trabalho valorizado, se sentir útil e produtivo, ser respeitado e reconhecido por aquilo que se produz.

Portanto, percebe-se que para diminuir o preconceito referente algumas profissões, deve-se pensar em minimizar as diferenças sociais existentes e valorizar todas as profissões e principalmente o sujeito enquanto trabalhador, independentemente de suas atividades, pois por trás de cada trabalhador, existe um sujeito, que é humano, único e indivisível.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, P. F. *Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas*. Psicologia em Estudo [en linea] 2012. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287123554005>>. Acesso em 06/06/2019.

CAMPOS, Daniel Corrêa. *Atuando em psicologia do trabalho, psicologia Organizacional e Recursos Humanos*. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

DEJOURS, C. (1999). *A banalização da injustiça social*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

FAIMAN, C. J. S. Saúde do trabalhador. *Trabalho e adoecimento: considerações a respeito do trabalhador e o afastamento de suas atividades*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2012.

FISCHER, Frida Marina. *Relevância dos fatores psicossociais do trabalho na saúde do trabalhador*. Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 46, n. 3, p. 401-406, June 2012 . Disponível no endereço eletrônico <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102012000300001&lng=en&nrm=iso>.

Lima, M. E. (2004). *A relação entre distúrbio mental e trabalho: evidências epidemiológicas recentes*. In: G. Diniz et al. O trabalho enlouquece?: um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes. p. 139-160.

LIMA, Rômulo André. *Trabalho, alienação e fetichismo: categorias para a compreensão marxiana do Estado e do político*. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília , n. 17, p. 7-42, Aug. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000300007&lng=en&nrm=iso>.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Tomo I. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. Disponível no endereço eletrônico: http://www.pravida.org/livro/o_capital_1_1.pdf acesso no dia 08/12/2009.

MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novais. *Qualidade de vida e estresse*. Cadernos de psicologia da SBP. 200. Vol.1, 2000.

PETRUS, Evelyn. *A Análise do Comportamento dentro das Organizações*. Comporte- se/ Psicologia e Análise do Comportamento, 2015. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2015/10/a-analise-do-comportamento-dentro-das-organizacoes-2>>. Acesso em: 06/06/2019.

REGATO, Vilma Cardoso. *Psicologia nas Organizações*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

ROBBINS, S. P.; SOBRAL, F.; JUDGE, T. A. *Comportamento Organizacional*. 14ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

SELIGMANN- SILVA, Edith. *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez, 2011.

SHIMABUKU, R. H.; MENDONÇA, H.; FIDELIS, A. *Presenteísmo: contribuições do Modelo Demanda-Controle para a compreensão do fenômeno*. Cad. psicol. soc. trab. São Paulo, v. 20, 2017.

SILVA, R. V. S.; DEUSDEDIT-JUNIOR, M.; BATISTA, M. A. *A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho*. Minas Gerais, Rev. Interinst. Psicol. Juiz de fora, v. 8, n. 2, 2015.